

Dez sugestões para melhorar a investigação académica em educação e tecnologia

NEIL SELWYN[†]

Faculdade de Educação da Monash University, Austrália

Neil.Selwyn@monash.edu

Resumo: Começando por considerar que, “apesar do uso cada vez maior de tecnologias digitais na sociedade contemporânea, os investigadores em educação ainda não conseguiram entender completamente a ‘era digital’”, Neil Selwyn sugere ser “o momento de organizar uma abordagem académica muito mais inteligente e muito mais rigorosa das problemáticas dos media e tecnologias educacionais” Em consequência, propõe, neste texto, “10 sugestões que podem contribuir para apoiar ‘melhor’ investigação nesta área”.

Palavras-Chave: Investigação em educação, tecnologia educativa, qualidade, era digital

1. INTRODUÇÃO

Apesar do uso cada vez maior de tecnologias digitais na sociedade contemporânea, os investigadores em educação ainda não conseguiram entender completamente a “era digital”.

Embora a investigação do tema atraia grandes volumes de financiamento e tenha suscitado a criação de muitos centros de investigação, conferências e revistas, a relação da educação com a tecnologia continua a ser uma questão de interesse passageiro para a maioria dos investigadores em educação. Esta posição periférica resulta, em grande parte, do facto de que ‘educação e tecnologia’ não é um campo de estudo facilmente identificável ou especialmente coerente.

O que é muitas vezes referido em termos gerais como ‘tecnologia educativa’ ou ‘media educacionais’ refere-se na prática a um conjunto de investigadores e autores, reunidos em torno de um interesse, inadvertidamente compartilhado, no uso da tecnologia na educação.

Em vez de ser uma área de estudo académico sustentado, ‘educação e tecnologia’ tende a atrair uma mescla transitória de indivíduos provenientes das ciências da aprendizagem, do *design* instrucional, da

psicologia social, das ciências da computação, da formação de professores, dos estudos dos media, da sociologia, dos estudos de literacia, entre outras.

Todas essas diferentes ‘tribos’ têm os seus próprios interesses particulares e motivações, para estudar tecnologia e educação. Compreensivelmente, a maioria das pessoas sente pouco impulso coletivo para tornar este ‘não-campo’ em mais do que a simples soma das partes. Não é de surpreender, portanto, que ‘educação e tecnologia’ se tenha tornado uma área disciplinar “mestiça”.

Também não é de estranhar que muitas das pessoas mais brilhantes que escreveram sobre ‘educação e tecnologia’ rapidamente se tenham mudado para áreas de investigação completamente diferentes (ver, por exemplo, os primeiros textos sobre tecnologia, de autores como Michael Apple, Jane Kenway, Hank Bromley, Steven Hodas, Torin Monahan, entre outros). Pior ainda, tornou-se numa área disciplinar notoriamente descuidada - transbordando de ‘investigações’ descuidadas e de estudos de caso isolados, simultaneamente tolerando conceções altamente questionáveis.

No entanto, ao invés de desistir completamente do tema, é certamente agora o momento de organizar uma abordagem académica muito mais inteligente e muito mais rigorosa das problemáticas dos *media* e tecnologias educacionais.

Neste espírito, proponho agora 10 sugestões que podem contribuir para apoiar ‘melhor’ investigação nesta área. Em resumo, gostaria de defender o incentivo à investigação que preencha as seguintes condições:

1. Investigação que nada tem a vender
2. Investigação que apenas está certa da incerteza de tudo
3. Investigação que está perto (mas não demasiado perto) das tecnologias digitais que estão a ser estudadas
4. Investigação que sempre pergunta ‘que há de novo aqui?’
5. Investigação que mantém um sentido de história

6. Investigação que está ciente dos contextos globais, nacionais e locais de educação e tecnologia
7. Investigação que se envolve com a política de educação e tecnologia
8. Investigação que faz bom uso da teoria quando e onde é útil
9. Investigação flexível e criativa na metodologia e rigorosa e apropriada na seleção de métodos
10. Investigação que sempre se preocupa com educação, tecnologia e sociedade mais justas

2. INVESTIGAÇÃO QUE NADA TEM PARA VENDER

Embora raramente reconhecido, é justo dizer que o interesse de muitos investigadores em educação e tecnologia é suscitado ou sustentado por um interesse noutras coisas. Muitos investigadores são motivados simplesmente por uma forte crença em promover o que eles veem como os benefícios inerentes da tecnologia digital.

O entusiasmo de alguns investigadores pela tecnologia educacional decorre do desejo de promover certas teorias de aprendizagem, ou, então, de ideias políticas e filosóficas de como a educação pode ser melhor organizada. Em muitos casos, portanto, as discussões sobre educação e tecnologia não são totalmente desinteressadas.

Evidentemente, a ‘tecnologia educativa’ tem sido uma área cheia de comerciais, evangelistas, consultores e visionários que estão interessados em vender as suas interpretações pessoais do que a tecnologia pode “fazer” para a educação. Embora tal exagero e excesso de venda seja uma parte expectável do mundo da informática comercial, a discussão académica é certamente uma área do discurso tecnológico que deve ser conduzida com menor subordinação a agendas e interesses.

Os investigadores académicos devem, pelo menos, ser mais conscientes e mais explícitos sobre as suas próprias agendas. Eu diria que não é função dos académicos promoverem a tecnologia como uma solução técnica para os problemas sociais que assolam a educação.

3. INVESTIGAÇÃO QUE APENAS ESTÁ CERTA DA INCERTEZA DE TUDO

Embora haja uma tendência para as discussões de educação e tecnologia gravitarem em torno de noções tecnicistas de "melhores práticas", "eficácia" e "funciona", eu diria que é muito mais necessário ver o "progresso" tecnológico como pouco, ou nada, previsível.

Se algum, raramente existe um resultado pré-determinado para o desenvolvimento e implementação de tecnologias na educação – apesar de toda a retórica sugerir o contrário. Em vez disso, as tecnologias estão sujeitas continuamente a complexas interações e negociações com os contextos sociais, económicos, políticos e culturais em que se situam.

Embora possa ser um exercício útil para tomar suposições informadas sobre os prováveis, possíveis e até mesmo preferíveis resultados do uso da tecnologia na educação, os investigadores académicos precisam reconhecer que a tecnologia nunca é um caso completamente previsível ou certo. De facto, no que diz respeito à tecnologia digital e à educação, talvez ‘não faça qualquer sentido fingir que o futuro não é senão incognoscível’ (Naughton, 2012, p. 10).

4. INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ PERTO (MAS NÃO MUITO PERTO) DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS QUE ESTÃO A SER ESTUDADAS

A maioria dos investigadores académicos que trabalham nesta área concordaria que não faz sentido ser deliberadamente ignorante – ou deliberadamente desvinculado – da nova tecnologia. Mas também não há qualquer vantagem em considerar-se muito sofisticado por se aderir à cultura digital popular. Certamente não é elogioso nunca ter usado o Facebook ou enviado um SMS. No entanto, eu diria que também não é útil para os investigadores estarem demasiado imersos na tecnologia digital.

Infelizmente, educação e tecnologia é uma área de investigação que tende a atrair académicos que são absorvidos apaixonadamente pela tecnologia digital ao longo de suas vidas quotidianas. Esta paixão alimenta-se frequentemente do "vício" académico comum de "acreditar que nossa própria experiência tem um grande valor simbólico" (Sennett, 2012, p. 14).

Os debates académicos sobre educação e tecnologia são propensos a incluir histórias do que a tecnologia digital supostamente fez para ‘mim’ ou para ‘si’, ou para nossos próprios alunos ou colegas, filhos ou netos. Surpreendo-me sempre como esta personalização grassa tão frequentemente em discussões em conferências e em seminários supostamente sofisticados.

No entanto, é preciso também dizer que valorizar as experiências de académicos, e seus colaboradores, bem equipados, leva a uma visão altamente seletiva e distorcida dos resultados do uso da tecnologia.

Em vez disso, os debates académicos sobre educação e tecnologia devem preocupar-se com um leque de questões muito mais complexas sobre a capacidade da tecnologia digital melhorar a educação e a sociedade, de forma generalizada e sustentada. Isso certamente exige que os investigadores académicos ‘façam estranho o familiar’ – por outras palavras, olhar além das suas próprias e privilegiadas experiências pessoais de tecnologia e, em vez disso, pensar num ‘horizonte mais alargado’.

5. INVESTIGAÇÃO QUE SEMPRE PERGUNTA ‘QUE HÁ DE NOVO AQUI?’

Como foi implícito ao longo destas três primeiras sugestões, o significado da tecnologia na educação concentra-se em questões de mudança, progresso e aperfeiçoamento. De facto, a maioria das pessoas é atraída pela tecnologia digital como um tópico de investigação precisamente por causa de sua associação com o progresso, a transformação e o fascínio do ‘novo’.

No entanto, é importante que os investigadores académicos tenham cuidado para que a aparente novidade do futuro tecnológico próximo não os seduza a ignorar as realidades mais ‘confusas’ do presente.

Acima de tudo, é importante resistir à tentação de acriticamente associar tecnologias digitais com inevitável mudança e progresso. Em vez disso, os investigadores devem permanecer atentos às continuidades, recorrências e repetições associadas às ‘novas’ tecnologias. Em muitos casos, o clichê do ‘vinho velho em garrafas novas’ continua a ser uma

descrição adequada da natureza e formas do uso da tecnologia digital na educação.

Os investigadores académicos devem, portanto, lembrar-se de que a educação e a tecnologia se relacionam tanto com a investigação do 'estado do real' imperfeito como com a exploração do 'estado da arte' aperfeiçoado.

6. INVESTIGAÇÃO QUE MANTÉM UM SENTIDO DE HISTÓRIA

Decorre do acima referido que o simples pensamento da tecnologia digital obriga muitas pessoas a olhar para a frente em vez de olhar para trás. Não é de surpreender, então, que a maioria das discussões sobre educação e tecnologia entendam as 'novas' tecnologias de forma a-histórica - antecipando o que está prestes a acontecer com a tecnologia, em vez de tentarem compreender o que já aconteceu. Contudo, eu diria que a adoção de uma perspetiva histórica deve sustentar qualquer estudo académico sobre educação e tecnologia.

Enquadrar o desenvolvimento da educação e da tecnologia numa perspetiva histórica pode ter muitos benefícios, revelando como as tecnologias precedentes têm frequentemente ramificações para tecnologias posteriores, além de oferecer entendimentos mais claros sobre os significados e os significantes das tecnologias, antes que elas se tornem inevitáveis, invisíveis e, de alguma forma, 'naturais'.

Olhar para trás sobre a história da educação e da tecnologia pode também contrariar a tendência comum de "superestimar o impacto a curto prazo das novas tecnologias - e de subestimar as suas implicações a longo prazo" (Naughton, 2012, p. 9).

7. INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ CIENTE DOS CONTEXTOS GLOBAIS, NACIONAIS E LOCAIS DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Embora, por vezes, se presuma ser um fenómeno universal 'supranacional', a implementação da tecnologia digital em contextos

educativos deve ser entendida como moldada por uma série de diferenças internacionais, nacionais e locais.

Há, naturalmente, uma necessidade óbvia de ver a educação e a tecnologia em contraste com o quadro global da globalização e das mudanças globais. No entanto, é importante também lembrar as várias influências sobre a provisão e prática de tecnologia educacional que existem entre e dentro de contextos nacionais.

Como tal, os académicos devem manter um interesse em, e sensibilidade para com, a importância dos contextos, culturas e circunstâncias locais. Variações de linguagem, religião, geografia e cultura – para citar apenas alguns fatores 'locais' – têm efeitos potencialmente significativos nas aplicações de tecnologia educacional. Portanto, esta abordagem incentiva os investigadores a serem sensíveis às diferenças subtis de educação e tecnologia, em todo o mundo.

8. INVESTIGAÇÃO QUE SE ENVOLVE COM A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

A tecnologia não é certamente uma área incontestada ou incontroversa, na educação. Como tal, eu diria que o uso da tecnologia na educação precisa de ser entendido como um espaço intenso de conflito.

A educação e a tecnologia podem, portanto, ser vistas em termos de um conjunto de lutas que ocorrem em várias frentes, desde a alocação de recursos ou o desenho de currículos, até à maximização de lucros ou às tentativas de superar padrões de exclusão.

Como Bijker (2010) nos lembra, "como usar a tecnologia?" é uma questão inerentemente política. Sendo assim, muitas das questões que envolvem educação e tecnologia são questões fundamentalmente políticas que sempre são colocadas à educação e à sociedade, isto é, questões sobre o que é a educação e questões sobre o que a educação deve ser.

Desenvolver um sentido mais completo de como e porquê as tecnologias digitais estão a ser usadas, na medida em que estão, em

contextos educacionais, exige um amplo reconhecimento de questões de poder, controle, conflito e resistência.

Suponho que qualquer relato acadêmico sobre o uso da tecnologia na educação precisa ser formulado em termos explícitos de conflito social sobre a distribuição do poder.

9. INVESTIGAÇÃO QUE FAZ BOM USO DA TEORIA QUANDO E ONDE É ÚTIL

O estudo acadêmico da tecnologia educacional é claramente reforçado com um envolvimento amplo e rigoroso com a teoria. No entanto, existem muitas abordagens teóricas e tradições que atualmente são subutilizadas na literatura de tecnologia educacional, mas poderiam apoiar a construção de melhores questões, destacar questões de outra forma negligenciadas e atuar tanto como ponto de referência como ponto de correção.

Além de se envolverem com teoria desconhecida, há também a necessidade de os tecnólogos educacionais fazerem um melhor uso das tradições teóricas que até agora foram adotadas em estudos de educação e tecnologia. Em suma, há formas variadas de os investigadores poderem melhorar o modo de 'fazerem' teoria, no que diz respeito à educação e tecnologia.

Dito isto, os investigadores também devem estar cientes das limitações da teoria, levando em conta a advertência de Talcott Parsons de que as teorias devem ser vistas como 'focos' que iluminam aspetos específicos de um tópico enquanto deixam muitas outras áreas circundantes na escuridão. Como tal, há muito boas razões para usar deliberadamente a teoria como forma de discernir e não de forma dogmática.

Os investigadores de 'tecnologia educativa' e 'media educacionais' podem, portanto, beneficiar de se envolverem – mas não excessivamente – com a teoria.

Como diz Hesmondhalgh (2009, p. 2), todos os investigadores de media e tecnologia fariam bem em cultivar '... um gosto por Foucault e Deleuze, e uma suspeita de Foucauldianos e Deleuzianos'.

10. INVESTIGAÇÃO FLEXÍVEL E CRIATIVA NA METODOLOGIA E RIGOROSA E APROPRIADA NA SELEÇÃO DE MÉTODOS

Na sequência destas preocupações teóricas, há também uma clara necessidade de os investigadores académicos adotarem uma abordagem ampla de métodos e metodologias de investigação, mantendo ao mesmo tempo padrões de qualidade e de rigor nas suas investigações.

Por um lado, isso implica a produção de investigações qualitativas genuinamente confiáveis, 'ricas' e 'densas'. Por outro lado, há uma necessidade de estudos quantitativos que sejam estatisticamente rigorosos e apropriados, ao mesmo tempo que resultam em análises que realmente provam algo.

De qualquer modo, há benefícios claros a serem obtidos pelos investigadores quando adotam abordagens mais expansivas e imaginativas para investigar tecnologia e educação.

Os investigadores devem usar os métodos de recolha e análise de dados que melhor respondam às suas questões de investigação do momento, ao invés de métodos que simplesmente reflitam a conveniência ou o hábito pessoal.

11. INVESTIGAÇÃO QUE SEMPRE SE PREOCUPA COM EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE MAIS JUSTAS

Como sugestão final, gostaria de salientar a necessidade de os investigadores académicos se empenharem em trabalhos que visem realmente fazer a diferença.

Como muitas das minhas sugestões anteriores implicam, a melhor investigação académica é a conduzida com a intenção de tornar a educação mais justa, assim como meramente mais "eficaz" ou "eficiente".

Embora o desenvolvimento de melhores tecnologias seja sempre uma consideração importante, muitas vezes as conclusões mais importantes que surgem da investigação académica na área de educação e tecnologia não

dizem respeito a questões de eficiência técnica *per se*, mas questões mais amplas de igualdade social.

Como tal, eu diria que os aspetos mais valiosos da investigação académica em educação e tecnologia decorrem do compromisso de promover e apoiar questões de empoderamento, igualdade, justiça social e democracia participativa.

12. CONCLUSÕES

É importante notar neste momento que nenhuma destas sugestões é destinada a desprezar ou a criticar excessivamente o que aconteceu antes, na área de educação e tecnologia.

De muitas maneiras, estas 10 sugestões são críticas tanto do meu próprio trabalho nos últimos 20 anos como são críticas de qualquer outra investigação.

Estas sugestões certamente não são feitas com a intenção de ofender alguém em particular.

Dito isto, faz pouco sentido fingir que a investigação académica realizada até agora na área de educação e tecnologia tem sido particularmente forte.

Se formos honestos, também é difícil considerar qualquer uma destas sugestões particularmente agressiva ou controversa.

Na verdade, o principal motivo deste pequeno contributo foi simplesmente incentivar a produção de estudos académicos de educação e tecnologia, mais cuidadosamente construídos e mais justos.

Grande parte deste texto refere-se simplesmente à necessidade do que se denomina ‘construção de capacidade de investigação’.

Deve haver poucas pessoas que possam discordar de todas estas ideias. Se mais nada fizer, então, eu espero que este texto estimule o alargamento da ‘imaginação em tecnologia educativa’ em termos dos

tópicos que são abordados, das questões que são colocadas e do uso dos métodos e da teoria.

Em particular, estas 10 sugestões implicam a necessidade de os académicos desenvolverem entendimentos socialmente fundamentados sobre as realidades da educação e da tecnologia, tal ‘como elas (realidades) são’.

Assim, ao tratar-se a educação e tecnologia como um espaço de interesse em investigação, os académicos e investigadores precisam de ir além e de perguntar se determinadas tecnologias ‘trabalham’, ou não, num registo técnico ou pedagógico. Em vez disso, questões cruciais precisam ser questionadas (e desejavelmente respondidas) sobre como as tecnologias digitais (re)produzem relações sociais e sobre que interesses elas servem.

Estou convencido de que agora é o momento de desenvolver uma nova tradição de investigação em ‘tecnologia educativa’ e em ‘media educacionais’, numa abordagem mais realista, relacional, crítica e publicamente escrutinada.

Espero que estas breves reflexões estimulem um debate mais aprofundado e tenho esperança que contribuam para algumas mudanças visíveis.

13. REFERÊNCIAS

- Bijker, W. 2010. How is technology made? That is the question! *Cambridge Journal of Economics* 34: 63–76.
- Hesmondhalgh, D. 2009. My media studies: A few of my favourite things. *Television and New Media* 10, no. 1: 86–7.
- Naughton, J. 2012. *From Gutenberg to Zuckerberg*. London: Quercus.
- Sennett, R. 2012. *Together: The ritual, pleasures and politics of cooperation*. London: Allen Lane.

TEN SUGGESTIONS FOR IMPROVING ACADEMIC RESEARCH IN EDUCATION AND TECHNOLOGY

Abstract: Beginning by considering that "despite the ever-increasing use of digital technologies in contemporary society, education researchers have yet to fully get to grips with the 'digital age'", Neil Selwyn suggests it "is surely the time for marshalling a far smarter and far sharper academic approach towards educational media and technology." As a result, he proposes, in this text, "10 suggestions that may go some way towards supporting 'better' research in this area."

Keywords: Educational research, educational technology, quality, digital era.

Texto:

- Submetido: setembro de 2016.
- Aprovado: outubro de 2016.

Para citar este artigo:

Selwyn, N. (2016). Dez sugestões para melhorar a investigação académica em educação e tecnologia. *Educação, Formação & Tecnologias*, 9 (1), 03-09 [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.

Nota: A responsabilidade da tradução é de António José Osório que refere que: "Numa troca de mensagens eletrónicas, Neil deu permissão para se fazer a sua tradução para Português, um desafio que não poderia deixar de tentar satisfazer. Qualquer imprecisão é da minha inteira responsabilidade, bem como a seleção das palavras-chave e a redação do resumo."

Note: The responsibility for the translation is from António José Osório who states that: "In an e-mail exchange, Neil Selwyn gave permission to translate it into Portuguese, a challenge I could not afford trying to satisfy. Any imprecision is my responsibility, as is the responsibility of selecting the keywords and writing of the abstract."

Nota biográfica do autor**ⁱ Neil Selwyn**

Professor na Faculdade de Educação da Monash University, na Austrália, onde é um investigador chave no grupo 'Learning with New Media'. Anteriormente, trabalhou no Instituto de Educação da University of London e na Cardiff School of Social Sciences, ambas no Reino Unido.

Investiga e ensina sobre o lugar dos media digitais na vida quotidiana, assim como sobre a sociologia do uso (e não uso) da tecnologia em ambientes educacionais. Tem escrito extensivamente sobre variados temas, incluindo exclusão digital, políticas educacionais com tecnologias e aprendizagem baseada em tecnologia. Também realizou investigação sobre tecnologia digital, sociedade e educação para o Australian Research Council (ARC), o Economic and Social Research Council (ESRC), a British Academy, a BBC, a Nuffield Foundation, a Spencer Foundation, a Gates Foundation, a Microsoft Partners in Learning, a Becta, o Australian Government Office of Learning and Teaching (OLT), Australian Communications Consumer Action Network (ACCAN), Save The Children, Welsh Centre for Distance Education, Assembleia Nacional do País de Gales e várias autoridades locais no Reino Unido. Foi, ainda, editor da revista 'Learning, Media and Technology' (2010-2016) e regularmente profere conferências em reuniões científicas internacionais.